

---

**ENTRE UTOPIA E RESISTÊNCIA: UMA  
ANÁLISE DE *JESUSALÉM*, DE MIA COUTO**  
Between Utopia and resistance: a study  
of *The tuner of silences*, by Mia Couto

Fernanda Vilar<sup>1</sup>

**RESUMO:** O estudo da literatura pós-colonial permite questionar problemas que datam da colonização portuguesa em África. Ao deslocar a maneira eurocêntrica de compreender o mundo, a crítica pós-colonial abriu caminho para se entender a obra literária de acordo com as especificidades sociais, históricas e políticas de um determinado país. Ao analisar o livro *Jesusalém*<sup>2</sup> de Mia Couto, compreendemos que a utopia criada por Vitalício é um espaço de resistência face aos sofrimentos de uma sociedade recém-independente. Dessa maneira, estudar a criação de um espaço utópico, assim como o papel de cada personagem dentro dele, permite-nos questionar vários acontecimentos da época colonial, assim como os problemas da transição e os traumas atuais da sociedade moçambicana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mia Couto; Jesusalém; Estudos pós-coloniais; Utopia.

**RESUMÉE:** L'étude de la littérature postcoloniale permet de mettre en question des problèmes qui sont issus de la colonisation portugaise au Mozambique. Quand la littérature postcoloniale a déplacé le regard de la manière euro-centrée de voir le monde, elle a ouvert la voie pour comprendre l'œuvre littéraire suivant les spécificités sociales, historiques et politiques d'un pays donné. Lors de l'analyse du livre *L'accordeur de silences*, de Mia Couto, nous nous apercevons que l'utopie crée par Vitalício est un espace de résistance face aux souffrances d'une société récemment indépendante. De cette façon, étudier la création de l'espace utopique, ainsi que le rôle de chaque personnage y joue, nous permet d'interroger plusieurs faits de l'époque coloniale, ainsi que les problèmes de la transition et les traumas de la société.

**MOTS CLÉS:** Mia Couto; L'accordeur de silences; Études postcoloniales; Utopie

## INTRODUÇÃO

A emergência e a criação das teorias pós-coloniais provêm da necessidade de tratar de maneira adequada as determinadas complexidades e variedades culturais da escrita pós-colonial em contexto africano,

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Paris Ouest Nanterre.

<sup>2</sup> No Brasil o título do livro foi alterado para *Antes do nascer da terra*.

especificamente em Moçambique. A palavra pós-colonial tem duas acepções: pode-se tratar de um momento no espaço-tempo, tudo aquilo que vem depois das independências, e é também utilizada no sentido de crítica ao colonial, que pode ocorrer, por exemplo, na escrita de textos contestatários durante a colonização, um bom exemplo são os poetas da negritude francófonos, como Aimé Césaire e Edouard Glissant, ou os poetas lusófonos da FRELIMO (Frente de Libertação do Moçambique), como Glória de Sant'Anna ou Rui Knopfli.

Mia Couto é um escritor que escreve após as independências e sempre procura questionar as versões e visões de mundo, dando voz àqueles que foram colonizados. Tendo militado na FRELIMO durante as guerras de independência, exerceu o trabalho de jornalista e atualmente biólogo, o escritor sempre transitou pelas mais diferentes paisagens de seu país. Essa mobilidade no espaço de fronteiras artificiais, criadas pela colonização, permitiu-lhe o encontro e a compreensão da alteridade. Ao longo de sua obra podemos encontrar questões caras a vários autores da África: desde o aspecto da apropriação da língua portuguesa e sua transformação num trabalho estético de reinvenção até as questões ligadas à independência e autonomia dos africanos, sem esquecer os problemas relacionados ao preconceito e aos estereótipos. Trata-se de uma obra muito rica como prova seu merecido sucesso e constante ampliação de seu público leitor, graças às várias traduções.

Nesse trabalho proponho estudar como se dá o desenvolvimento da utopia criada por Silvestre Vitalício, personagem do livro *Jesusalém*, de Mia Couto. Dessa maneira pretendo elucidar o contexto social da obra e as maneiras de resistência ou participação dos personagens. Estudaremos num primeiro momento como se desenvolve o projeto de Vitalício para, em seguida, observar o papel de cada personagem para mostrar as várias dimensões e problemas desse projeto que buscava o melhor mundo possível, mas que para alguns personagens foi a realização de um pesadelo.

## UTOPIA, O INDIVÍDUO E A BUSCA DO MELHOR MUNDO POSSÍVEL

O romance *Jesusalém* não pode ser considerado como uma utopia. Entretanto, *Jesusalém*, o local criado por Silvestre Vitalício, constitui-se uma utopia. O que me proponho a examinar é a criação desse espaço utópico como uma forma de modificar a realidade onde vivem os personagens. A utopia aparece nesse romance como uma alternativa a uma sociedade concreta. O personagem que imagina e concretiza o desejo dessa utopia quer modificar a realidade onde vive e resolver os problemas históricos que datam

da colonização. A invenção de um espaço utópico serve ora para confrontar os problemas ora para esquecê-los.

A mudança e a conseguinte apropriação de um novo local permite a Vitalício criar um universo fechado. Em *Jesusalém* temos o uso da utopia como estratégia de sobrevivência operada por um esquecimento voluntário. Trata-se de uma utopia individual que é imposta a outras pessoas. Silvestre Vitalício procura se afastar do contexto político e social do país onde vive e foge para o local que ele nomeou Jesusalém. Vítima do final da guerra civil que assolou o Moçambique durante 15 anos, ele leva para morar com ele um ex-soldado, “sem pátria e sem bandeira”, Zacaria Kalash, e seus dois filhos, órfãos de uma mãe que se suicida devido às violências do machismo opressivo de sua sociedade.

Como afirma Benedito Nunes em seu livro *O dorso do tigre*, “a utopia aparece, quando, no fim de um período vago e nebuloso, os homens decidem extinguir, de uma só vez, os equívocos e os transtornos da história, e se colocam, por um ato de vontade ética, sob o abrigo da razão universal” (NUNES, 1969, p. 28). Ainda de acordo com Nunes, a utopia se instaura sem violência e “os conflitos que a precedem, pertencem a um passado que ela rejeita, e do qual só conserva reduzida memória” (NUNES, 1969, p. 29). A memória em Jesusalém é proibida de ser compartilhada, assim só existe no foro íntimo de cada personagem. Por essa razão, cantar ou rezar são atos proibidos, pois podem religá-los a uma cultura diversa.

Carlos Eduardo Berriel explica que a utopia como gênero literário aparece no Renascimento. Nessa época o homem “experimentava a ideia de se conceber como autor de sua própria existência, e a utopia foi uma busca de soluções racionais para os complexos problemas da convivência humana” (BERRIEL, 2004, p. 1). No livro de Mia Couto são nítidos os problemas de convivência, como veremos adiante. O ato de fundar uma utopia será designado por uma personagem como um ato de bravura, de coragem, um pouco de sensatez no meio da loucura.

Nesse local, onde o mundo se reinicia, Jesus terá a oportunidade de voltar a terra e pedir perdão aos homens por tanta injustiça e violência. “O mundo acabou, meus filhos. Apenas resta Jesusalém” (COUTO, 2009, p. 23) anuncia o pai. Jesusalém se torna um escudo contra a realidade. A fuga é para Vitalício um adeus definitivo, sem meio de operar uma continuidade, pois não há mulheres em Jesusalém, um lugar criado para esquecer e ser esquecido. Jesusalém é o local para esvaziar todo o passado de sua história.

Como em toda utopia, Vitalício explica: “A partir de agora deixou de haver onde” (COUTO, 2009, p. 22). No fim do livro Mwanito explica: “É isso que faz um lugar: o chegar e o partir. Por isso mesmo, não vivíamos em lugar nenhum” (COUTO, 2009, p. 167). A história se situa em um u-topos;

permanente em sua imobilidade, sem futuro nem passado, se constrói Jerusalém.

Logo no início da história temos uma cena que conta como chegaram a esse local, o veículo que os leva “é a barca de Noé Motorizada”:

— À frente, enfiado no banco dianteiro, seguia meu pai. Parecia enjoado, talvez ele tivesse assumido que viajava mais num barco que numa viatura. — Isto aqui é a Arca de Noé motorizada — Proclamou quando ainda tomávamos lugar na velha carripiana (COUTO, 2009, p. 22).

Isto é, retomando o imaginário da história bíblica de Noé, é como se tivesse sido dada a essas pessoas a oportunidade única de sobreviver e reconstruir a terra. Entretanto, essa terra vai ser criada com data de validade expirada. Não há e não haverá casais, não haverá continuidade. A salvação se dará no íntimo de cada personagem, pois somente a eles foi dada a oportunidade de fugir do dilúvio do mundo. A única fêmea é a jumenta Jezibela, numa possível alusão à Jezabel, rainha de Israel, considerada profetiza, como conta o Livro dos Reis da Torah.

Vitalício, por sua vez, toma o lugar de deus, pois segundo ele, deus teria esquecido os homens e estaria surdo (COUTO, 2009, p.21): “Uns têm filhos para ficarem mais perto de Deus. Ele se convertera em Deus desde que era meu pai” (COUTO, 2009, p.20). Ele se converte em deus criador do seu mundo e de seus filhos, o responsável pelas escolhas e futuro “Meu pai era o único Deus que nos cabia” (COUTO, 2009, p. 37), explica Mwanito no início do livro. Assim será durante toda a existência de Jerusalém, cabe a Vitalício todas as decisões. Ele escolhe, julga e age como bem entende, censurando ou punindo os que não querem entrar em sua configuração de mundo, como é o caso de Ntunzi, como veremos oportunamente.

Nesse contexto de referência à cultura judaico-cristã, cabe ressaltar a cerimônia do ‘desbatismo’, como uma maneira de dar um outro destino às personagens. Os nomes são portadores de significado e muitos acreditam que eles determinam nosso futuro. Na conversão ao judaísmo, por exemplo, o convertido passa a adotar um novo nome, pois aceitando a religião ganha uma nova alma. Em Jerusalém ocorre exatamente essa transição de mundos pela transição de nomes. Na cerimônia de desbatismo todos têm seu nome mudado, menos Mwanito, por não possuir todavia um “demônio” dentro de si quando abandonou a cidade e o passado, assim não precisa se reinventar. Como bem lembra Vitalício, “sem antepassados não há passado” (COUTO, 2009, p.43):

— Este é o país derradeiro e vai-se chamar Jerusalém.

[...]

— Agora passemos à cerimónia do desbaptismo.

E fomos convocados um por um. E foi assim: Orlando Macara (nosso querido Tio Madrinho) passou a Tio Aproximado. O meu irmão mais velho, Olindo Ventura, transitou para Ntunzi. O ajudante Ernestinho Sobra foi renomeado como Zacaria Kalash. E Mateus Ventura, meu atribulado progenitor, se converteu em Silvestre Vitalício. Só eu guardei o mesmo nome: Mwanito.

— *Este ainda está nascendo* — justificou assim meu pai a permanência do meu nome (COUTO, 2009, p. 42).

Interessante é notar a expressividade do nome de cada personagem. O tio Aproximado recebe esse nome devido sua função de transeunte entre ‘o mundo dos mortos’ e Jesusalém: é ele quem recolhe os viveres na cidade e abastece uma vez por semana a utopia de Jesusalém. Com ele ocorre o comércio, realizado diretamente com Vitalício. Ntunzi pode ser uma corruptela do suaflí Mtunzi, que significa autor de histórias fictícias (estórias), para outros autores a palavra é mwandishi (todas as palavras que começam com M designam pessoas, profissões...). O nome, começando com N, dentro da classe 9-10 das palavras que designa o grupo de coisas e nomes de origem estrangeira: ele não é um filho legítimo de Vitalício, mas fruto do relacionamento de sua esposa com o soldado. Poderíamos interpretar como sendo um estrangeiro na família? Ou Ntunzi é um nome que prenuncia suas criações de histórias para o irmão mais novo? Podemos propor essas especulações para Ntunzi; quanto ao soldado, a referência é mais direta e remete à kalashnikov, arma de origem russa muito utilizada na África, e talvez a mais utilizada nos exércitos do mundo. Já o pai se nomeia Silvestre Vitalício, evocando que será sempre ele o mandante nas paragens silvestres de Jesusalém.

O fio de Ariadne, símbolo da pertença cultural e territorial, é cortado quando Vitalício dá nascença à Jesusalém. Assim como o fizeram os colonizadores, todo o passado será negado, de ali em diante só importa a história de Jesusalém. Mwanito explica que «o mundo terminara e nós éramos os últimos sobreviventes. [...] Nessas longínquas paragens, até as almas penadas já se haviam extinto.» (COUTO, 2009, p. 13). É na primeira parte do livro então que se apresenta “A humanidade”, composta pelos cinco elementos de Jesusalém.

A harmonia desse local é quebrada com a chegada de uma mulher, Marta, uma portuguesa que busca seu marido que desaparece após a experiência da guerra no Moçambique. Ela aparece na segunda parte do livro, nomeada “A visita”. Marta se apropria da utopia de Vitalício, sem que ele

saiba: “Nada é anterior a mim, estou inaugurando o mundo, as luzes, as sombras. Mais do que isso: estou fundando as palavras. Sou eu que as estreio, criadora do meu próprio idioma” (COUTO, 2009, p. 142). Ela sente nesse local um renascimento, estreia palavras e cria seu próprio idioma. Assim como para Vitalício, o falar em Jesusalém não é uma maneira de dizer as coisas de um jeito diferente, mas de expressar uma nova realidade, pois as palavras serão reinvestidas de novos significados uma vez que o passado não existe mais.

Essa utopia é para Marta e Vitalício uma maneira de evitar o luto, de tentar construir uma vida sem passado. Quando os personagens descobrem a presença da mulher em Jesusalém, a utopia entra em crise. Ela confronta seus motivos de fuga com os de Vitalício para, finalmente, perceber que assim como a ele, falta-lhe uma despedida para haver sossego:

- Caro Silvestre, você sabe bem o que é preciso aqui.
- Aqui não é preciso nada, nem ninguém.
- O que falta aqui é uma despedida.
- Sim, falta a sua despedida.
- Você não se despediu da falecida. É isso que lhe traz tormentos, essa falta de luto não lhe traz sossego (COUTO, 2009, p. 206).

O confronto com essa verdade faz com que Vitalício fique doente e a família se vê obrigada a retornar a cidade e à antiga casa. Abre-se a terceira parte do livro “Revelações e Regressos”. Nesse momento Vitalício inicia sua utopia particular. Mwanito, o narrador e filho mais novo, o afinador de silêncios, explica:

Não haveria regresso. Naquele momento, percebi: Silvestre Vitalício acabara de perder todo o contacto com o mundo. Antes, já quase não falava. Agora, deixara de ver as pessoas. Apenas sombras. E nunca mais falou. Meu velho estava cego para si mesmo. Nem no seu corpo, agora, ele tinha casa (COUTO, 2009, p. 272).

Ele sai de Jesusalém, uma utopia de grupo, e passa a viver uma utopia privada: isolado da comunidade e do mundo é como ele escolhe passar o fim dos seus dias. Pouco a pouco as verdades vêm à tona e ele já não é mais alguém para ser confrontado. “Vitalício se exilara dentro de si. Jesusalém o afastara do mundo. A cidade o roubara de si próprio” (COUTO, 2009, p.245), explica Mwanito. Durante todo o livro Vitalício procurara o esquecimento, a construção desse local foi para ele a maneira de se reinventar. Entretanto,

como esquecer não é possível sem elaborar o luto do passado, ao menor problema, sua utopia se desfez. Finalmente, a escolha do personagem de passar sua vida fechado no silêncio, encontrando sua morada no seu íntimo, foi a maneira encontrada de não enfrentar a realidade.

## JESUSALÉM E ZACARIA KALASH

Outro personagem que participa da utopia de Jerusalém e que retornará a ela mesmo quando ela se extingui é o soldado Zacaria Kalash. Ele resolve acompanhar Vitalício a esse local pois nunca encontrou seu espaço na sociedade.

Todos tinham encontrado um lugar. Eu reencontrara a minha primeira casa. Meu pai ganhara morada na loucura. Só ele, Zacaria Kalash, não achara lugar na cidade. [...] Soldado de tantas guerras, soldado sem nenhuma causa. Defender a pátria? Mas a pátria que ele defendera nunca fora sua. Assim falou o militar Kalash, enrolando as palavras, como se tivesse pressa em acabar as íntimas revelações.

— Sabe Mwanito? Mais que qualquer outra, minha pátria foi Jerusalém [...] (COUTO, 2009, p. 247).

Kalash lutou pelos portugueses, contra os colonizados, mas sempre lutou para se tornar ser um soldado e não por uma pátria ou por uma causa. Por isso para ele é Jerusalém o seu local de vida, aquele que por vontade ajudou a construir.

[...] não é a farda que compõe o militar. É a jura. Que ele não era daqueles que, por medo da Vida, se alistam em exército. Ser militar foi, como dizia ele, decorrência corrente. [...]

— Nunca tive causas, a minha bandeira sempre fui eu mesmo (COUTO, 2009, p. 92).

Como em um drama de família, seu percurso é marcado somente pela desgraça de estar do lado errado. De suas cicatrizes nunca falava, e Jerusalém o ajudava, pois elas faziam parte de um passado que já não mais existia. Diz ele “Sempre vivi em guerra. Aqui é minha primeira paz” (COUTO, 2009, p. 94).

[...] por que motivo Zacaria não se lembrava de nenhuma guerra? Porque ele lutara sempre do lado errado. Foi assim

desde sempre na sua família: o avô lutara contra Gungunhana, o pai se alistara na polícia colonial e ele mesmo lutara pelos portugueses na luta de libertação nacional. [...] Um militar sem lembranças de guerra é como prostituta que se diz virgem (COUTO, 2009, p. 92).

O caso desse personagem, que não encontra seu lugar na sociedade por não ter participado dos eventos ‘do lado certo’ é recorrente na obra de Mia Couto. Temos, por exemplo, o pai do narrador de *O último voo do flamingo*, que trabalhou para os portugueses no tempo colonial e que acabou por encontrar em si o próprio inimigo. Quando o país se tornou independente, ele já não era mais a pessoa indicada para as posições que deveria ocupar, pois havia lutado do lado errado, o lado dos portugueses. Esse personagem, o funcionário colonial, sempre aparece nas obras de Couto para interrogar o lugar que eles, os que trabalharam para os colonizadores, sendo eles mesmos colonizados, podem assumir numa sociedade independente. O exílio em si ou longe da cidade acaba sendo a solução mais frequente. São personagens que não serão bem vindos ou bem vistos na nova sociedade, mesmo não sendo eles colonialistas, mas apenas funcionários a serviço de um governo.

Se para Viatlício e para Kalash a utopia de Jerusalém representava um repouso na alma, uma maneira de se reinventar, para as crianças, órfãs da mãe, o local tinha outro significado.

#### OS FILHOS EM JESUSALÉM: DESVELANDO OS PROBLEMAS

As crianças de Jerusalém são quem instauram um contraponto interessante à utopia na obra. Ao contrário de Viatlício e Kalash, que tinham um passado a esquecer, as crianças consideram ter sua vida usurpada por essa ideia. Ntunzi é o que sente mais profundamente a falta da cidade e de conviver em comunidade. Mwanito, por sua inocência e por não conhecer o mundo de fora, empreende discussões que permitem desvelar os reais motivos da utopia.

Ntunzi considera que esse ato do pai foi um roubo de sua vida, um ato anti-parental, pois no seu desejo de proteção, o pai acabou por impedir os filhos de viver:

- O senhor foi o avesso de um pai. Os pais dão os filho à vida. O senhor sacrificou nossas vidas à sua loucura.
- Você queria viver na merda daquele mundo?
- Eu queria viver, pai. Simplesmente viver. Mas agora é tarde para perguntar... (COUTO, 2009, p. 135).

Sempre triste ou revoltado por sua condição de refugiado na loucura de um pai, Ntunzi vivia como um prisioneiro: “A parede estava povoada de milhares de estrelinhas que Ntunzi diariamente rabiscava, como obra de um prisioneiro na parede de um cárcere” (COUTO, 2009, p.73). Para Ntunzi a utopia era um roubo de sua vida, mas, por ser o mais velho, ele cria estratégias para driblar o que puder dentro das regras estritas da utopia. Assumindo ser autor de seu destino, *mtunzi*, ele ensina o irmão mais novo a ler e escrever, ensina-lhe a rezar, conta-lhe histórias da mãe, das mulheres, da cidade.

A resistência de Ntunzi ocorre ao quebrar as regras da utopia criada por Vitalício. Nesse ato ele compreende que pode acessar um mundo que lhe foi negado. “A guerra roubou-nos memórias e esperanças. Mas, estranhamente, foi a guerra que me ensinou a ler as palavras” (COUTO, 2009, p. 44). Mwanito aprende a ler e escrever num depósito de armas que se encontrava no local onde haviam se exilado. Ao presentear o irmão com o poder da escrita, Ntunzi se lembra das palavras do pai que lhe diz que saber contar uma história é uma arma “mais poderosa que fuzil ou navalha” (COUTO, 2009, p. 44). Assumindo sua posição de autor, ele cria em Mwanito seu personagem, ensinando que saber contar uma história é a arma mais preciosa que podemos ter. Quando o pai descobre “o crime”, resolve punir o filho mais velho: ele apanha, sofre, adocece. Nesse momento, Mwanito recorre ao poder que lhe havia sido dado pelo irmão:

Saí do quarto e munido de um varapau comecei a escrever na areia do terreiro, em redor da casa. E escrevi, escrevi freneticamente como se quisesse ocupar toda a paisagem com os meus rabiscos. O chão em volta se ia convertendo numa página onde semeava a espera de um milagre. Era uma súplica para que Deus apressasse a sua vinda a Jerusalém e salvasse meu pobre irmão (COUTO, 2009, p. 54).

Mwanito ao início não consegue se ver como prisioneiro e, por isso, não concebe uma fuga. Ao descobrir o rio e a possibilidade de falar com ‘o outro lado’, sua vida começa a se povoar de fantasias. Ele não se lembra do passado e para ele a única realidade é Jerusalém. Graças ao irmão, ele descobre que vive em uma farsa. Pelo olhar dessa criança é que Mia Couto questiona os preconceitos e os problemas de uma sociedade que sofreu com a experiência colonial. Logo no início do livro, a questão da cor da pele entra em cena:

Esta humanidadezita, unida como os cinco dedos, estava afinal dividida : meu pai, o Tio e Zacaria tinham pele escura ; eu e Ntunzi éramos igualmente negros, mas de pele mais clara.

— *Somos de outra raça?* — perguntei um dia. Meu pai respondeu:

— Ninguém é de uma raça. As raças — disse ele — são fardas que vestimos.

Talvez Silvestre tivesse razão. Mas eu aprendi, tarde demais, que essa farda se cola, às vezes, à alma dos homens. (COUTO, 2009, p.15)

Mwanito, ainda criança e num local distante da sociedade, acaba por dividir as pessoas de Jerusalém: os pretos e os mulatos. Como bem explica o pai, a cor é uma farda, e isso Mwanito compreenderá mais tarde, no retorno à cidade. Poucas pessoas sabem, mas o *apartheid* da África do Sul não foi exclusividade daquele país. Um passe era dado aos pretos que queriam transitar em espaços exclusivamente brancos. Havia lugares divididos segundo a cor da pele de cada um, como bem lembram Luiz Henrique Passador e Omar Ribeiro Thomaz (PASSADOR, THOMAZ, 2006, p. 263).

Vale ressaltar que o lugar do mulato nessa sociedade é bem ambíguo. Se na colonização eram os brancos a ocupar os lugares de poder, com a independência o negro acaba por substituí-lo: uma elite preparada para governar pelos brancos. Os mulatos acabam por ocupar um local intermediário nessa sociedade dividida, pois não são nem negros nem brancos. Ao longo do tempo um dos mitos criados foi que o ser negro é a riqueza do povo africano legítimo. O mulato não passa de uma mistura com o colonizador. Há um dito popular que corre no Moçambique que diz que o mulato não tem bandeira. Isso ilustra essa falha da sociedade com resquícios coloniais em que a cor da pele implica em diferenças e privilégios. Alberto Memmi explica o racismo como “Uma valorização generalizada e definitiva de diferenças reais ou imaginárias em benefício do acusador e prejudicando sua vítima, a fim de legitimar uma agressão ou privilégios. (MEMMI, 1994, contracapa).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Tradução livre de : “une valorisation généralisée et définitive de différences réelles ou imaginaires, au profit de l'accusateur et au détriment de sa victime, afin de légitimer une agression ou des privilèges”, Albert Memmi, *Le racisme: description, définitions, traitement*, Paris, Gallimard, 1994, 248 p. Citation en quatrième de couverture.

Frantz Fanon<sup>4</sup> via o racismo como algo inerente ao humano, não a causa, mas a consequência da ação colonial. Nesse sentido, Yves Clavaron (CLAVARON, 2011, p. 8 e 9) ressalta que um dos papéis da literatura póscolonial é de interrogar as identidades — cultural, nacional, pessoal — mutilada pela colonização e cuja restauração permanece um desafio. É o que Couto problematiza não só nesse livro, pois essa é uma luta que ele pretende instaurar por meio de sua literatura. Lembremos no livro *O último voo do flamingo* como o italiano enviado pelas nações unidas cria um certo embaraço na população: há uma dualidade na percepção de sua presença, uns o veem como uma autoridade e outros como um invasor. O simples fato de ele poder vir a ter um filho com uma personagem negra instaura de saída o problema do ser mulato:

Percebeu-se algum desprezo no modo como disse «mulato». O padre Muhandó já falara contra esse preconceito. O pensamento do sacerdote ia direto no assunto: mulatos, não somos todos nós? Mas o povo, em Tizangara, não se queria reconhecer amulato. Porque o ser negro — ter aquela raça — nos havia sido passado como nossa única e última riqueza. E alguns de nós fabricavam sua identidade nesse ilusório espelho (COUTO, 1995, p. 67).

Com o passar do tempo, Mwanito percebe que aquela utopia tem uma razão de ser. Conversando com seu irmão Ntunzi ele começa a elaborar questões que o fazem duvidar da integridade do pai e da relação que existira com sua mãe:

Como podia admitir a possibilidade de meu pai ser um assassino? Durante tempos tentei aliviar-me dessa culpa. E congemei atenuantes: se algo tinha sucedido, meu pai deve ter agido contra sua vontade. Talvez tivesse sido, quem sabe, em ilegítima defesa? Ou talvez tivesse matado por amor e, na execução do crime, morrera ele mesmo pela metade? (COUTO, 2009, p. 51).

Ntunzi deixa entender que foi o pai o responsável por tudo o que até então tinha ocorrido. Se ele está escondido em Jerusalém é porque decerto houve um crime que ele não quis se clamar culpado. Uma ‘ilegítima

---

<sup>4</sup> Discurso «Racisme et culture» pronunciado no *Congrès des écrivains et artistes noirs*. Nessa intervenção ele abordou o tema do racismo e da colonização. O áudio está disponível em francês em : [<http://www.ina.fr/audio/PH909013001>] (Consultado em 30 de abril de 2015).

defesa’? Nesse caso Mia Couto aponta para o problema do machismo e sua trágica consequência, o feminicídio. Em seu livro, *A confissão da leoa*, que publica depois de *Jesusalém*, o autor denuncia por meio de várias metáforas, também incluída no título do livro, esse apagamento das mulheres na sociedade: “Mais uma vez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas. [...] Nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas [...] Todas foram sepultadas vivas” (COUTO, 2012, p. 49). O mesmo ocorre com a mãe de Mwanito, Dordalma, que se encontra anulada e silenciada dentro de sua casa. Cansada dessa relação de submissão, ela decide partir. Quando vai pelas ruas, chama a atenção pela sua beleza; ao subir num ônibus, cai num emboscada e acaba sendo estuprada por vários homens: “um por um os homens serviram-se dela urrando como se se vingassem de uma ofensa secular” (COUTO, 2009, p. 257). Seu corpo desanimado e sujo é encontrado pelo marido, que a leva de volta para casa. Ao invés de lamentar o ocorrido, ele a culpa pelo acontecido e pela vergonha que ele terá que carregar por ter tido uma mulher estuprada. Ao ver-se subjugada mais uma vez, ela decide se apropriar da única coisa que ainda lhe resta, sua vida, e opta pelo suicídio como uma maneira de se fazer escutar.

No seu livro *Can the subaltern speak?* (Pode a subalterna falar?), Gayatri Spivak cita dois casos de opressão sexista vividos na Índia. Para fugir das normas do patriarcado, uma menina Bengali opta pelo suicídio para reclamar o direito ao seu corpo. Tanto na vida real quanto na ficção essas histórias se repetem. A busca pela denúncia e a urgência de solução são evocados claramente por Mia Couto pelo direito de autonomização das mulheres. A utopia nasce em *Jesusalém* seguida desse evento. Nesse local, para se corrigir os erros do passado, não entra mulheres, não é permitida sua presença nem em pensamento. Essa é uma descoberta posterior de Mwanito, que graças ao apoio de Marta, consegue descobrir as verdades que foram encobertas durante longos anos: “Em casa, Dordalma nunca era mais do que cinza, apagada e fria. Os anos de solidão e descrença a habilitaram a ser ninguém, simples indígena do silêncio” (Couto, 2009, p.257). Na morte da esposa, o marido não derrama uma única lágrima por ela, mas sim por ele:

O suicídio de mulher casada é o vexame maior para qualquer marido. Não era ele o legítimo proprietário da vida dela? Então, como admitir aquela humilhante desobediência? Dordalma não abdicara de viver: perdida a posse de sua própria vida, ela atirara na cara do teu pai o espetáculo da sua própria morte (COUTO, 2009, p.261).

Essa tragédia, ponto nevrálgico da obra, é bem explorada por Mia Couto para questionar a não evolução da mulher na sociedade pós-colonial.

Ela permanece duplamente oprimida e relegada a um posto de acessório da sociedade.

A última parte do livro traz um subtítulo, “O livro”, um recurso de metalinguagem utilizado a menudo por Mia Couto:

— Veja estes papéis — disse, estendendo um maço de páginas caligrafadas. Tudo aquilo eu redigira nos momentos de escurecimento. Atacado por cegueira deixava de ver o mundo. Só via letras, tudo o resto eram sombras (COUTO, 2009, p. 270).

É pela escrita, pela condensação das sombras da realidade nas letras em um papel que Mwanito finalmente compreende o que foi o projeto de amor de seu pai: o de preservar os filhos da dura realidade da existência. A arte de escrever permite a Mwanito de traduzir os mais difíceis sentimentos e de compreender certas verdades. Pela correspondência com Marta o narrador realiza o intercâmbio de informações e pontos de vista, o que nos é dado ler. No fim do livro, é a história contada por Mwanito que aprendemos a conhecer. Nos contrapontos entre os personagens, seus anseios e ambições, compreendemos a utopia criada por Silvestre Vitalício.

## CONCLUSÃO

Os usos da utopia na obra permite-nos observar que a fuga serve para criar um contradiscurso à realidade vivida, no isolamento de um mundo que está em crise. O local onde se constrói a utopia acaba sendo um momento de esperança. A utopia buscada pelos personagens seria, finalmente, uma vontade de melhorar radicalmente o mundo existente e não de criar uma sociedade perfeita. Em nenhum momento Vitalício se diz criador de perfeições, mas melhorador de um mundo onde deus seria bem-vindo para se desculpificar e pedir perdão aos homens. A utopia é usada no livro, como um símbolo, como uma vontade de melhorar e uma maneira de avançar, de poder continuar a viver, de reinventar um espaço de paz.

A alienação de Vitalício pode ser compreendida também como o desejo de recriar um tempo longínquo de tudo o que existe e deixar habitar e ecoar o silêncio. O talento mor de seu filho menor era o de afinar silêncios, de sentar-se e se deixar esquecer ao lado dele. Entretanto, essa utopia de Vitalício tem um contraponto essencial, que pode ser comparado ao ato de colonizar: ele priva todos do passado, retira dele e das experiências vividas todo e qualquer valor. O começo do mundo se torna o agora da sua criação. Nesse local da imobilidade, onde tudo é programado, não há mudanças ou

futuro. É um quadro a se observar. Entretanto, em um local onde tudo é programado, não pode existir vida como pensamento. Não podem existir contratemplos. Tudo o que não foi previsto passa a ser uma ameaça. Dessa maneira, o espírito crítico de Ntunzi se tornou a primeira ameaça à Jerusalém, aliado ao aparecimento de Marta, a derrocada já estava programada. Perfeita em sua imobilidade, Jerusalém transita para o fim, restando somente como local habitável a Zacaria Kalash, o personagem que para sempre marcado como traidor, não encontrará um outro lugar onde viver no mundo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornellas (ed.), *Morus: Utopia e Renascimento*. v.1, Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CLAVARON, Yves, *Poétique du roman postcolonial*. Saint-Etienne: Publications de l'Université de Saint-Etienne, 2011.

COUTO, Mia, *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

COUTO, Mia. *Jerusalém*. Lisboa: Caminho, 2009.

COUTO, Mia, *A confissão da leoa*. Lisboa: Caminho, 2012.

FANON, Franz, « Pour une révolution africaine », Disponível em [http://www.solidaritenordsud.net/res/site104700/res890095\\_FANON-pour\\_une\\_revolution\\_africaine.pdf](http://www.solidaritenordsud.net/res/site104700/res890095_FANON-pour_une_revolution_africaine.pdf). Acesso em 20 dez. 2015.

MEMMI, Albert, *Le racisme: description, définitions, traitement*. Paris: Gallimard, 1994.

NUNES, Benedito, *O dorso do tigre: Ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SPIVAK, Gayatri, *Can the subaltern speak?: reflections on the history of an idea*. New York: Columbia University Press, 2010.

THOMAZ, Omar Ribeiro; PASSADOR, Luiz Henrique. Race, sexuality and illness in Mozambique. *Revista Estudos Feministas*, v. 14 / 1, p. 263-86, abr. 2006.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016